



SOBRE ESCOMBROS E POESIA

OF RUBBLE AND POETRY

Tainá Mara Moreira Xavier¹

Pós graduanda em Universidade de Brasília
Associado/a/e ANPAP: não

Resumo: No meio do caminho, havia pedras – e cores. Com a devida licença do poeta¹, tomo emprestadas suas palavras, pois, assim como Carlos Drummond de Andrade, encontrei pedras em meu caminho. *Sobre ruínas e poesia* é uma série fotográfica que parte de uma parada espontânea durante uma viagem, nas estradas do interior do Goiás. Um ensaio visual que brotou do acaso, da escuta e do olhar diante do que permanece, mesmo em ruínas.

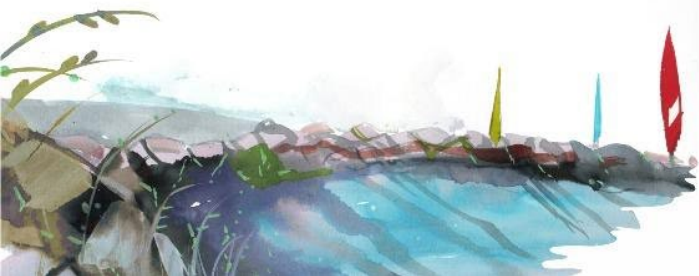
Palavras-chave: Ruínas. Cores. Poesia. Goiás.

Abstract: *In the middle of the road, there were stones - and colors. With the kind permission to the poet, I borrow his words, for, like Carlos Drummond de Andrade, I too encountered stones in my path. "Of ruins and poetry" is a photographic series born of a spontaneous stop during a journey along the backroads of Goiás. A visual essay that sprang from chance, from listening, and from a gaze fixed on what endures, even in ruins.*

Keywords: Ruins. Colors. Poetry. Goiás.

¹ Tainá Mara Moreira Xavier

Mestranda em Artes Visuais, na linha de pesquisa Poéticas Transversais, do Programa de Pós graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (PPGAV/IDA/UnB), licenciada e bacharel em Ciências Biológicas e bacharel em Museologia pela mesma instituição. Pesquisa direcionada para linguagens da imagem e escrita. Contato: xaviertaina@gmail.com



Texto de Apresentação SOBRE ESCOMBROS E POESIA

Era o ano de 2017. Um grupo retornava ao Distrito Federal após uma breve viagem. Avistamos um local que nos pareceu uma pequena vila, à beira da estrada, no interior de Goiás. Espontaneamente, sugeri que parássemos para percorrer o lugar. Primeiramente, observamos que não havia habitantes humanos, embora os vestígios de suas presenças permanecessem ali. Podendo soar um tanto onírico, mas, no final dessa tarde, encontrei, para além das construções em ruínas, a poesia da infinitude dos ciclos e a beleza da renovação.

Ao me deslocar pelas moradas e edificações que haviam sido anteriormente preenchidas por vivências humanas, notei, em destaque, as cores e formas que saltavam a percepção. Propus-me a capturar, com os olhos e com a minha extensão fotográficaⁱⁱ — câmeras e lentes — a poesia que pairava. Era evidente que embora as construções não tivessem mais suas funcionalidades originais, havia, na vila, algo sendo organizado.

Guardei as imagens durante anos e após um tempo de maturação, notei que para além da beleza estética, encontrava-se, na antiga vila, uma camada poética da potência da vida. Não havia vida humana permanente ali, mas outros habitantes construindo outras histórias, se alimentando, reproduzindo, vivendo, existindo. Seres que geravam e renovavam o espaço-tempo. Em seu livro *Metamorfoses*, o filósofo Emanuele Coccia nos lembra que:

Durante séculos, consideramos a terra como o guardião mais sagrado do nosso passado. É à terra que sempre entregamos nossos mortos.
(...) Todos os corpos da Terra são um fundo especulativo; ela mesma é um corpo futuro e futurista – o futuro de todos os corpos. Eis o que devemos aprender. Não devemos temer pela fragilidade da Terra; temos que viver o planeta de modo diferente, pois ele é nossa carne futura. A carne de amanhã, de depois de amanhã e de mil milhões de anos a frente. (COCCIA, Emanuele, 2020)

Recordo as casas e pedras da vila. Onde alguns viram fim e morte, enxerguei cores e vida. O que distingue os olhares? Será a perspectiva ou o desejo de enxergar um pouco além? Nêgo Bispo, em seu livro *A terra dar a terra querⁱⁱⁱ*, nos falou do fluxo contínuo de generosidade da terra. Esse movimento vital nos posiciona — enquanto seres humanos — fora de uma visão estritamente antropocêntrica: somos parte, não o todo. Não detemos hierarquia sobre outros seres, nem sobre o espaço ou o tempo. Reconhecer isso nos permite interagir com o ambiente natural de forma mais íntima, sem nos dissociarmos do seu contexto. O autor discorre sobre a relação entre a humanidade e o que é denominado (de forma questionável) de natureza, nos lembrando em como a crença de uma separação entre ambos foi danosa para um entendimento de pertencimento e cuidado de nós mesmos e da nossa extensão espacial e continuidade com o meio no qual estamos imersos em rede.

Para além das pedras que haviam em meu caminho, naquela tarde, reflito sobre quais são os caminhos práticos que podemos percorrer para encararmos nossas ruínas como possibilidades de vida e de poesia.



Imagem 1. Tainá Xavier, fotografia 1 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 2. Tainá Xavier, fotografia 2 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 3. Tainá Xavier, fotografia 3 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 4. Tainá Xavier, fotografia 4 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 5. Tainá Xavier, fotografia 5 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 6. Tainá Xavier, fotografia 6 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 7. Tainá Xavier, fotografia 7 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 8. Tainá Xavier, fotografia 8 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.



Imagem 9. Tainá Xavier, fotografia 9 da série “sobre escombros e poesia”, 2017. Fotografia Digital, 40cmX27,11cm. Goiás, 2017.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *No meio do caminho*. In: _____. *Alguma poesia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Dimensões, 1930.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. (Organização: Maria do Socorro Silva, Fernanda Regaldo e Vitor Cesar).

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Tradução de Juliana Pessôa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

FLUSSER, Vilém; BERNARDO, Gustavo. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Dimensões, 2008. Tradução de Gustavo Bernardo.

ⁱ Referente ao poema “No meio do caminho, do autor brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

ⁱⁱ Referente a ideia de Vilém Flusser, na qual apresenta a noção de que aparatos tecnológicos podem ser entendidos como extensões do corpo humano, dependendo da relação íntima de produção que se cria entre ambos.

ⁱⁱⁱ Referente aos conceitos trabalhados no livro citado de Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo.